



O imperialismo/anti-imperialismo no revisionismo histórico paraguaio

Marcela Cristina Quinteros
Mestre e Doutoranda em História Social (USP)
Programa de Pós Graduação em História Social - USP
marcelacristinaquinteros@gmail.com; muinteros@usp.br

Resumo: Na primeira metade do século XX, alguns intelectuais paraguaios empreenderam uma reinterpretação da história de seu país que superasse o clima de derrota instaurado após o fim da Guerra da Tríplice Aliança. Um desses intelectuais era Juan Natalicio González que dedicou sua vida à heroicização de Francisco Solano López e do povo paraguaio. Além de difundir seus textos através de ensaios e artigos, integrou-se a diferentes círculos de intelectuais latino-americanos. Através de sua participação na Força de Orientação Radical da Jovem Argentina, González estabeleceu um diálogo que favoreceu a difusão do revisionismo paraguaio na América Latina e que permitiu consolidar a ideia de que o imperialismo inglês teria sido a verdadeira causa da guerra oitocentista.

Palavras-Chave: Revisionismo Histórico Paraguai; Imperialismo/Anti-imperialismo; Juan Natalicio González; FORJA

Resumen: Durante la primera mitad del siglo XX, algunos intelectuales paraguayos emprendieron una reinterpretación de la historia de su país que superase el clima de derrota instaurado después del fin de la Guerra de la Triple Alianza. Uno de estos intelectuales fue Juan Natalicio González que dedicó su vida a heroicizar Francisco Solano López y al pueblo paraguayo. Además de difundir sus textos a través de ensayos y artículos, también participó en diferentes círculos de intelectuales latinoamericanos. Por medio de su integración en la Fuerza de Orientación Radical de la Joven Argentina, González estableció un diálogo que favoreció la difusión del revisionismo paraguayo en América Latina y que permitió consolidar la idea de que el imperialismo inglés habría sido la verdadera causa de la guerra decimonónica.

Palabras Clave: Revisionismo Histórico Paraguay; Imperialismo/Antiimperialismo; Juan Natalicio González; FORJA

Na virada do século XIX para o XX, um grupo de intelectuais paraguaios começou a releitura do passado oitocentista de seu país com o objetivo de recuperar a “autoestima nacional” perdida após a derrota na Guerra da Tríplice Aliança (1865-1870)¹. Seu principal referente, Juan Emiliano O’Leary,

¹ Para evitar a repetição, serão utilizadas como sinônimo as diversas denominações que foram dadas a guerra entre o Paraguai, por um lado, e a tríplice aliança integrada por Argentina, Brasil e Uruguai, pelo outro. Porém, como bem salienta o historiador uruguaio Tomás Sansón, a “polissemia nominativa utilizada para referi-la – Guerra da Tríplice Aliança, Guerra

denunciou as perdas humanas e materiais causadas pela guerra, e contrapôs à imagem de “tirano” do Marechal Solano López – largamente construída pela historiografia liberal rio-platense – a da sua coragem e a da valentia do povo paraguaio como elementos positivos. Juan Natalicio González, um de seus discípulos, completou essa interpretação revisionista ao fundamentar que essa coragem apoiava-se na “essência” da raça paraguaia, da terra e da história nacional. Para a década de 1930, esta história revisitada se consolidava na opinião pública e na exaltação oficial da figura de Solano López, a través de decretos e monumentos erigidos pelo governo que tomou o poder em 1936 e pôs fim a três décadas de hegemonia do Partido Liberal.

A maioria dos intelectuais paraguaios que contribuíram a consolidar o revisionismo histórico pertencia à Associação Nacional Republicana, mais conhecida como Partido Colorado. Ao propor uma nova interpretação do passado nacional, vincularam os novos heróis aos fundadores do partido – criado em 1887 –, com o qual passaram a identificar a memória nacional com a história partidária. Desse modo, a história “revisitada” converteu-se em instrumento fundamental para ação política, principalmente entre 1904 e 1936, período em que o Partido Liberal se manteve no poder e os colorados buscaram diversos mecanismos para recuperá-lo. Um deles foi identificar os colorados como defensores da identidade nacional, da “raça” paraguaia, da idiosincrasia guarani; enquanto que os liberais foram estereotipados como os “legionários”², os antiparaguaios aliados aos estrangeiros, tanto no passado quanto no presente.

O papel das forças externas aparecem com intensidade e qualidade diversa segundo o momento da construção desse relato revisionista. Mas, dita construção foi feita em um permanente diálogo com intelectuais latino-americanos, o que influenciou a introdução e permanente reformulação dos conceitos imperialismo/anti-imperialismo no revisionismo histórico paraguaio, o que implicou uma permanente reformulação na identificação de um ou outro país como força imperialista.

Segundo Alexandra Pita e Carlos Marichal, “numerosos atores políticos e sociais propuseram a ideia de que a América Latina tem sido um território facilmente dominado por potencias estrangeiras, devido à existência de importantes assimetrias de poder” (PITA GONZÁLEZ; MARICHAL, 2012, p.9). Essa ideia sobre o outro “invasor”, imperialista, ocupou um lugar privilegiado nos debates sobre a identidade latino-americana e a reescrita da história no Paraguai não se manteve alheia a este processo.

do Paraguai, Guerra Grande, Guerra Guasu – reflete a falta de consenso hermenêutico entre os pesquisadores e os incômodos políticos e ideológicos que provoca sua evocação” (SANSÓN CORBO, 2015, p.955).

² Os Legionários eram uma força militar integrada por paraguaios que, durante a Guerra da Tríplice Aliança, lutou junto às forças aliadas.

Durante a construção e consolidação do revisionismo histórico, os intelectuais paraguaios utilizaram diferentes recursos, mas a escrita ensaística e as revistas culturais cumpriram um papel chave em dito processo. Nelas, a partir da década de 1920, começaram a aparecer mais frequentemente afirmações sobre as pretensões imperialistas de algumas nações estrangeiras sobre o território paraguaio. Mas, foi a partir da década de 1930 que os revisionistas paraguaios desenvolveram mais amplamente a ideia de imperialismo na escrita sobre a Guerra do Paraguai. A mudança estava estreitamente ligada ao conflito limítrofe com a Bolívia que desembocou na Guerra do Chaco (1932-1935).

No final do século XIX, o Paraguai ainda sofria com as consequências da guerra oitocentista. Era um país devastado, politicamente instável, com uma majoritária população rural e suas elites econômicas e políticas em permanente disputa pelo poder. Os intelectuais se abocaram a interpretar e explicar as razões dessa situação. Enquanto alguns interpretavam que a realidade paraguaia era consequência da existência de um povo ignorante, “cretino” – entre eles, o liberal Cecilio Báez –, outros – como O’Leary – tentaram demonstrar que o Paraguai, antes da guerra, tinha sido um dos países mais desenvolvidos e independentes do continente.

Com a Guerra Grande, o país viu-se submerso em uma crise econômica, demográfica e política, mas também identitária. Para os revisionistas, o conflito bélico foi o marco a partir do qual o Brasil e a Argentina ganharam territórios, mas também foi interpretado como um ataque à única nação que, após a independência, não sofreu as lutas internas que fragmentaram as demais nações latino-americanas. A preservação da unidade territorial como cultural do Paraguai, na interpretação do revisionismo paraguaio, foi consequência de uma identidade forjada desde o período colonial e zelosamente cuidada pelos governos de José Rodríguez de Francia (1814-1840), Carlos Antonio López (1844-1862) e Francisco Solano López (1862-1870).

O papel dos países que integraram a Tríplice Aliança, como o de outras potências interessadas em pôr fim à autonomia do Paraguai, começou a ser melhor definido partir do século XX, seja pelos próprios revisionistas paraguaios ou por escritores latino-americanos que colaboravam com a escrita de prólogos, artigos e ensaios sobre a história do Paraguai. Porém, as primeiras menções ao imperialismo, além de escassas, aparecem desconexas da análise da história nacional. Quando González criou sua revista “Guarania” em 1920, com o claro objetivo de divulgar os autores revisionistas, publicou o texto “O crime de Wilson” do mexicano Carlos Pereyra (PEREYRA, 1920). A denúncia da penetração estadunidense no Caribe e na América Central ainda era um assunto distante para os paraguaios, pelo que sua presença na revista não obteve nenhuma reflexão sobre a realidade rio-platense.

Entre 1920 – cinquentenário da Guerra contra a Tríplice Aliança – e 1926 – centenário do nascimento de Francisco Solano López – houve uma profusão de publicações sobre o conflito, Solano López, a identidade guarani, entre outros assuntos. Em 1921, O’Leary publicou “O Marechal Solano López”, cujo prólogo era assinado pelo venezuelano Rufino Blanco-Fombona (O’LEARY, 1925). Este autor denunciava o intervencionismo norte-americano no continente, mas esclarecia que, no caso paraguaio, o imperialismo provinha de seu vizinho Brasil. Esta constitui uma das primeiras análises que considera o conflito da Tríplice Aliança a partir da perspectiva de um imperialismo regional.

Em 1920, González organizou o livro “Cinquentenário de Cerro Corá”, no qual identificava Buenos Aires e Rio de Janeiro como os dois focos que atentavam contra a liberdade e a democracia platina. Para González, Mitre não duvidava em submeter o interior argentino ao desmembramento em prol de servir aos interesses portenhos; enquanto que o “imperialismo bragantino” temia o “bom” exemplo das incipientes repúblicas que podiam socavar as bases do império. Deste modo, o escritor paraguaio atribuía a origem da guerra às ambições das elites portenhas e cariocas, eximindo os “povos” argentino e brasileiro. A explicação seguia a análise proposta por vários revisionistas argentinos, como David Peña e Ernesto Quesada que resgatavam a resistência à guerra dos caudilhos do interior argentino (MOREIRA; QUINTEROS, 2016).

Nas primeiras duas décadas do século XX, os revisionistas paraguaios, argentinos e também uruguaios identificavam as elites liberais de seus respectivos países como responsáveis da deflagração da Guerra Guasu, além de denunciar o papel “imperialista” do Brasil. Mas, a partir da década de 1930, estes historiadores incorporaram em seus relatos a presença inglesa como potência econômica interessada em abrir o mercado interno rio-platense e, portanto, a responsabilizavam por provocar situações que teriam levado à guerra.

A comunicação entre os autores revisionistas rio-platenses era fluida, através da correspondência, das trocas de publicações e da participação em grupos de intelectuais latino-americanos como a Força de Orientação Radical da Jovem Argentina (FORJA). Esta organização surgiu em 1935, em Buenos Aires, com o objetivo de reunir àqueles intelectuais críticos dos rumos tomados pelo governo argentino e por um setor do Partido Radical, coniventes com a fraude eleitoral e a corrupção. FORJA convocou intelectuais de diversas origens partidárias e nacionais, integrando assim aos latino-americanos que encontravam-se na capital argentina.

González e outros revisionistas paraguaios começaram a participar assiduamente nas reuniões de FORJA a partir de 1937, quando se radicaram em Buenos Aires como exilados, após sua expulsão do Paraguai pelo governo que tinha tomado o poder em 1936. A discussão de textos, a apresentação de palestras, a circulação da revista “Guarania” como de outros textos de González y O’Leary, favoreceram a ampla divulgação dos principais elementos do revisionismo paraguaio entre os forjistas. Mas, por sua vez, os forjistas, que tinham como objetivo lutar contra o imperialismo britânico na região (SCENNA, 1983, p.60), exerceram uma influência em duplo sentido.

Em 1940, González publicava um texto sobre a Guerra do Paraguai, no qual afirmava que, com o argumento de derrubar o “tirano” Solano López, a Argentina e o Brasil empreenderam a guerra. Porém, havia “causas invisíveis e mais poderosas” da guerra, como a pressão britânica, que, desde o começo do século XIX, pretendia conquistar a hegemonia econômica no Rio da Prata (GONZÁLEZ, 1940, p.62). Segundo o autor, “aos ingleses incomodava profundamente a existência de um país americano que defendia a unha e dente sua independência econômica, que se negava sistematicamente a se desfazer das fontes básicas da riqueza nacional...” (GONZÁLEZ, 1940, p.71).

González considerou que os objetivos imediatos de Inglaterra, ao financiar a guerra, através de empréstimos aos aliados, eram tirar o “tirano”, impedir que o Brasil se apropriasse do Uruguai e que a Argentina tomasse o Paraguai. Com a guerra, concluía, Londres conseguiu acabar com tudo o que “florescia em terra guarani”. Mas, o império britânico obteve esse triunfo por meio do Brasil. Deste modo, o escritor paraguaio conciliava a denúncia inicial do revisionismo paraguaio sobre o “imperialismo brasileiro” com o “imperialismo britânico”, tema amplamente tratado na Argentina da década de 1930, quando lhe tocou morar ali.

Mas, este autor tentou introduzir dois temas da história paraguaia na história da região: um sobre a Guerra do Paraguai, pela perspectiva do imperialismo britânico, e o outro, sobre a Guerra do Chaco, pela perspectiva do imperialismo norte-americano. Porém, na década de 1930, os intelectuais rio-platenses se interessaram apenas em revisitar a guerra oitocentista, para denunciar o imperialismo britânico e responsabilizar as elites liberais de seus respectivos países, assim como para revalorizar o a resistências dos povos do interior e seus caudilhos. Portanto, González teve sucesso ao reforçar a difusão da versão revisionista paraguaia da Guerra da Tríplice Aliança, mas não em relação a sua interpretação da guerra com a Bolívia.

Para Diana Quattrocchi-Woisson, os revisionistas argentinos da década de 1930 procuravam construir uma nova identidade que desse resposta à crise econômica e política que se vivia. Para isso, “os olhares voltavam-se para o passado, para encontrar os responsáveis das desditas do presente” (QUATTROCCHI-WOISSON, 1995, p.100). Foi a década em que Inglaterra tentava manter seus mercados através de acordos comerciais como o Pacto Roca-Runciman, assinado com a Argentina em 1933. Por essa razão, para os intelectuais argentinos, o imperialismo britânico era mais real do que o norte-americano. Por outro lado, o conflito entre o Paraguai e a Bolívia era muito recente e os argentinos não pretendiam assumir publicamente uma posição a favor de um ou outro país.

Mas, a Guerra do Chaco era um assunto caro para os revisionistas, principalmente para González que, na década de 1930, tinha retomado a revista “Guarania” com uma clara orientação nacionalista. A guerra oitocentista era resgatada para exaltar o “espírito paraguaio” que levaria o Paraguai ao triunfo sobre a Bolívia. González estabeleceu um paralelismo entre ambas as guerras com o objetivo explícito de incentivar à população a combater até a morte e, assim, reverter o trauma da derrota oitocentista.

A revista reapareceu em 1933, em Assunção, segundo ano da guerra com a Bolívia, quando timidamente foram publicados dois artigos que começavam a esboçar a ideia do anti-imperialismo. Mas, a partir de 1934, foram incorporados mais escritos sobre a questão, como os discursos de Huey Long e reproduções de artigos que analisam o petróleo como fator chave para entender as disputas internacionais como a do Chaco.

Os discursos do senador norte-americano democrata Huey Long (1893-1935) foram reproduzidos em três números da revista (13, 14 e 15). Como legislador e ex-governador de Louisiana, Long desenvolveu parte de sua carreira política fazendo sérias críticas à empresa petrolífera Standard Oil e aos financistas, o que é considerado um dos motivos de seu assassinato em 1935³.

O discurso de 30/05/1934, publicado pela revista “Guarania” no final desse mesmo ano, salientava que “as forças das finanças imperialistas eram as responsáveis pela guerra entre a Bolívia e o Paraguai”. Para demonstrar esta afirmação, o senador fazia uma descrição da geografia do Paraguai, afirmando que a “grande área do Chaco” continha uma “considerável reserva de petróleo”. Segundo Long,

La Standard Oil Co, de New Jersey, corporación norte-americana, promotora de revoluciones en la América Central, Sud América y México desde que ha deseado

³ Parte da polêmica com a Standard Oil é referenciada na página dedicada a Huey Long. Disponível em: <http://www.hueylong.com/life-times/impeachment.php>. Acesso em 14/02/2016.

obtener concesiones de petróleo, ha encontrado necesario poseer el territorio del Chaco (LONG, 1934, p.13).

Além de denunciar as manipulações políticas da empresa petroleira, Long afirmava que o território do Chaco historicamente tinha pertencido ao Paraguai, dali a ampla divulgação de sua luta política no Paraguai. Long considerava que a Bolívia tinha sido induzida a essa guerra para obter acesso direto até o rio Paraguai, para poder escoar a produção da exploração petrolífera que já estava sendo feita em seu território.

Em junho de 1935, a “Guarania” começou a publicar artigos vinculados à exploração de petróleo e ao imperialismo. Sobre o autor, se informa que foi alguém que percorreu o mundo do petróleo, mas sem se identificar. Afirma que todos os conflitos sangrentos daquele momento tinham a ver com um “número bem conhecido de personagens que disputam o monopólio” de ferro, algodão, cereais e, fundamentalmente, petróleo.⁴

González foi incisivo em sua campanha a favor da guerra contra a Bolívia. Além de considerar dever de todo paraguaio defender a pátria, pretendia demonstrar que o mundo tinha uma imagem equivocada do Paraguai, devido ao desconhecimento. Considerado um povo “débil e insignificante”, suas vitórias na guerra teriam surpreendido todas as nações (GONZÁLEZ, 1933b; 1934b; 1935). Portanto, entendia que a vitória final seria mais do que uma vitória do Paraguai. Representaria a vitória da civilização rio-platense e o Paraguai poderia ter o orgulho de “ser o campeão solitário dessa grande causa” (GONZÁLEZ, 1933b; 1935).

A “grande causa” a que fazia referência, era a luta solitária – quijotesca – do Paraguai contra a pressão externa. Quando a guerra do Chaco começou em 1932, González encontrava-se exilado em Montevideú. Ao saber dos acontecimentos, divulgou sua “Mensagem aos intelectuais da América”, na qual identificava a “águia ianque” como a verdadeira ameaça externa, mais especificamente, referia-se à Standard Oil Company (GONZÁLEZ, 1933a). Em outubro de 1934, a *Guarania* fazia uma denúncia mais grave, ao acusar a aliança entre a Standard Oil e o governo boliviano, representado por uma oligarquia (GONZÁLEZ, 1934a).

Em vários artigos, González discorda das apreciações da imprensa mundial, que classificava o conflito como uma “guerra estúpida” entre nações irmãs. Em 1935, era mais enérgico, afirmando que o

⁴ LA CONQUISTA del petróleo. Guarania, Ano II, N°20, Assunção, 20/06/1935, p.4-6. Os outros artigos – continuação do mesmo texto – foram publicados nos n. 24 (20/10/1935); 25 (20/11/1935) e 27 (20/01/1936).

“povo guarani defendia com heroísmo inusitado” sua pátria e se dizia assombrado com a “incompreensão dos problemas americanos delatada pela postura dos orientadores da opinião pública” internacional (GONZÁLEZ, 1935). Na verdade, JNG estava propondo que o Paraguai defendesse uma posição absolutamente intransigente nas negociações de paz com a Bolívia, promovidas pela Liga das Nações, apoiado no fundamento de que era uma guerra do imperialismo estadunidense contra as nações sul-americanas.

Apesar de seus esforços, a análise de González sobre a Guerra do Chaco não teve a mesma repercussão entre os intelectuais forjistas que em relação à interpretação revisionista da Guerra da Tríplice Aliança. Vários dos integrantes de FORJA escreveram sobre a história rio-platense, em geral, e sobre a Guerra do Paraguai, em particular. Ao tratar do conflito do século XIX, as referências a González e à revista *Guarania* são um lugar comum para os argentinos Raúl Scalabrini Ortiz, Atilio García Mellid e Gabriel del Mazo; para o colombiano Germán Arciniegas e para o peruano Luis Alberto Sánchez, todos eles forjistas.

Por sua vez, entre as décadas de 1960 e 1970, um novo grupo de escritores argentinos revisionistas – José María Rosa, Eduardo Duhalde, Rodolfo Ortega Peña, Milcíades Peña, Luis Pomer – das mais diversas raízes ideológicas e institucionais, deu um novo impulso à divulgação dos principais mitos do revisionismo paraguaio que, apoiado na leitura dos forjistas, continuava responsabilizando o império britânico de manipular as elites rio-platenses e provocar o sangrento conflito do século XIX.

Considerações Finais

Durante as primeiras décadas do século XX, os textos dos revisionistas paraguaios praticamente não trataram da questão do imperialismo senão indiretamente, através da reprodução de artigos de autores de outras latitudes que, direta ou indiretamente haviam tido contato com a presença estadunidense em seus países. Ainda que na década de 1920, esses textos eram apenas informativos de uma realidade distante para os intelectuais paraguaios, estes começavam a introduzir essa variável em seus próprios textos. No entanto, na década de 1930, a questão do imperialismo foi recuperada, principalmente pela revista “*Guarania*” como argumento legitimador da Guerra do Chaco, enquanto a suposta presença de interesses externos surgia, agora, como uma ameaça próxima e mais tangível.

Portanto, à história revisitada, somava-se um discurso anti-imperialista que completava a orientação nacionalista que foi adquirindo um setor dos revisionistas paraguaios, liderados por Juan

Natalicio González e cujo principal meio de difusão foi a revista “Guarania”. Deste modo, estes escritores integravam-se ao conjunto de intelectuais latino-americanos das primeiras décadas do século XX que tomaram a questão do imperialismo como tema de debate sobre a identidade latino-americana. Assim, para os revisionistas paraguaios, as reflexões sobre o outro (brasileiro, inglês, ianque) permitiram uma constante redefinição na construção da identidade nacional (guarani, raça paraguaia, povo corajoso).

Por isto, González defendia um nacionalismo especificamente local, paraguaio. Ao combinar os mitos do revisionismo histórico paraguaio com o anti-imperialismo, defendia a ideia de que a nação paraguaia existia muito antes da independência do Paraguai. Ela tinha se definido a partir da mestiçagem do índio com o espanhol, o que permitiu que Assunção se convertesse num centro de irradiação da identidade autóctone e de civilização. Portanto, o Paraguai era o coração da América do Sul.

Se bem González praticamente não teve repercussão internacional ao denunciar a presença de companhias norte-americanas como motivadoras dos conflitos limítrofes com a Bolívia, sua participação em FORJA lhe deu a ele próprio e ao revisionismo histórico paraguaio uma maior difusão a partir da década de 1930, ao ponto em que os forjistas adotaram seus argumentos para explicar a história rio-platense do século XIX. A participação de González em FORJA foi fundamental para manter e consolidar a interpretação revisionista além das fronteiras do Paraguai. A adoção do binômio imperialismo/anti-imperialismo deveu-se, em grande medida, ao diálogo estabelecido com intelectuais latino-americanos.

Bibliografia

- GONZÁLEZ, J. Natalicio. Mensaje a los intelectuales de América sobre el conflicto del Chaco. **Guarania**, Ano 1, No. 1, Assunção, 20/11/1933a, p.5-8.
- _____. La victoria paraguaya vigoriza nuestros antiguos derechos (nota editorial). **Guarania**, Ano 1, N°2, Assunção, 20/12/1933b, p.1.
- _____. ALVÉSTEGUI y la Standard Oil (nota editorial). **Guarania**, Ano 1, No. 12, Assunção, 20/10/1934a, p.1.
- _____. Las victorias del Paraguay (nota editorial). **Guarania**, Ano 2, N°13, Assunção, 20/11/1934b, p.1.
- _____. La conjura (nota editorial). **Guarania**, Ano 2, No. 15, Assunção, 20/01/1935, p.1.
- _____. La Guerra al Paraguay (Prólogo). In: MITRE, B. e GÓMEZ, J. C. Cartas polémicas sobre la Guerra al Paraguay. Assunção/Buenos Aires: Guarania, 1940.
- LONG, Huey. La Finanza Imperialista de Norte América. Primer discurso del senador Huey Long, sobre la cuestión del Chaco, pronunciado en el Senado norteamericano en sesión de 30/05/1934 (Trad. De Pablo Max Ynsfrán). **Guarania**, Ano II, n. 13, Assunção, 20/11/1934.



- MOREIRA, L.F.V. e QUINTEROS, M.C. Difusão e Consolidação da Interpretação Revisionista da Guerra do Paraguai na América Latina. In: SQUINELO, Ana Paula (Org.). **150 anos após a Guerra do Paraguai: entrelhares do Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai**. Campo Grande: UFMG, 2016.
- O'LEARY, Juan Emiliano. **El Mariscal Solano López**. Madri: Félix Moliner, 1925.
- PEREYRA, C. El crimen de Wilson. **Guaranía**, Assunção, n.4, p.20-21, Março de 1920.
- PITA GONZÁLEZ, A. e MARICHAL SALINAS, C. **Pensar el anti-imperialismo: ensayos de historia intelectual latino-americana, 1900-1930**. México, D.F.: El Colegio de México, Centro de Estudios Históricos: Universidade de Colima, 2012.
- QUATTROCCHI-WOISSON, Diana. **Los males de la memoria**. Historia y política en la Argentina. Buenos Aires: Emecé, 1995.
- SANSÓN CORBO, Tomás. La historiografía uruguaya sobre la Guerra de la Triple Alianza. Trayectos, tradiciones, ¿resignificaciones? Diálogos. **Maringá**, Vol.19, No. 3, Set.-Dez. 2015.
- SCENNA, Miguel Ángel. F.O.R.J.A. **Uma aventura argentina (De Yrigoyen a Perón)**. Buenos Aires: Ed. de Belgrano, 1983.